

Universidade da Maia

Departamento de Ciências da Educação Física e Desporto



Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Rodrigo Vaz Pinto

Mestrado do Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Orientador Institucional

Professor Doutor Rui Resende

Julho, 2024

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, nos termos do Decreto-Lei n.º79/2014 de 14 de maio e do Decreto-Lei n.º74/2006, de 24 de março, republicado pelo Decreto-Lei n.º63/2016, de 13 de setembro.

Trabalho realizado sob a orientação de Professor Jacinto Oliveira.

Julho, 2024

Pinto, Rodrigo. (2024) Relatório da Prática de Ensino Supervisionada do Curso de 2º Ciclo em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Universidade da Maia.

Palavras-Chaves: prática de ensino supervisionada; educação física; ensino; prática pedagógica.

AGRADECIMENTOS

Após findar o presente ano letivo, com tudo o que isso englobou, existem agradecimentos que não podem deixar de ser feitos. Primeiramente, quero agradecer aos meus pais, que me proporcionaram anos de estudo, que sem eles, não seriam possíveis. À minha restante família, que direta ou indiretamente me apoiou nesta longa caminhada.

Quero agradecer também às entidades de estágio, Colégio Camões e à Universidade da Maia, por todas as bases que me proporcionaram. Com isso não posso deixar de me sentir grato ao meu Orientador Cooperante, Professor Jacinto, e ao Supervisor Professor Doutor Rui Resende, que me auxiliaram ao longo de toda a Prática de Ensino Supervisionada.

Por fim, agradecer aos meus colegas de estágio, que se demonstraram verdadeiros amigos e companheiros, na facilidade e na dificuldade, desempenhando um papel fulcral ao longo deste ano letivo.

Resumo

A prática de ensino supervisionada oferece uma oportunidade única para futuros professores aplicarem os conhecimentos teóricos adquiridos na universidade, em situações reais dentro do ambiente escolar. Esta fase é essencial para o desenvolvimento de competências pedagógicas, permitindo aos estudantes estagiários enfrentar desafios concretos e compreender melhor a dinâmica das aulas e a interação com os alunos. O relatório resultante deste estágio é um instrumento crucial para a reflexão e documentação do percurso realizado. Nele, os estudantes estagiários registam todo o processo, desde a planificação e execução das aulas até à avaliação das metodologias empregues. Este documento possibilita uma análise crítica das práticas pedagógicas, fornecendo *insights* valiosos para o crescimento profissional. Durante a prática de ensino supervisionada, os estudantes estagiários têm a oportunidade de experimentar diversas abordagens pedagógicas, adaptar-se a diferentes situações e aprender a gerir a aula de forma eficaz. Esta experiência prática é indispensável para a formação de um professor bem preparado para os desafios do ensino atual. No final do estágio, o relatório serve também como um espaço de reflexão sobre as aprendizagens adquiridas, os êxitos alcançados e as áreas que precisam de evolução. Esta reflexão é vital para o crescimento contínuo e para a melhoria das práticas educativas, garantindo que os futuros professores estejam bem preparados para contribuir positivamente para a educação.

Abstract

Supervised teaching practice offers a unique opportunity for future teachers to apply the theoretical knowledge acquired at university in real situations within the school environment. This phase is essential for developing teaching skills, allowing pre-service teacher to face concrete challenges and better understand the dynamics of lessons and interaction with students. The report resulting from this school placement is a crucial tool for reflecting on and documenting the course taken. In it, trainees record the entire process, from planning and implementing lessons to evaluating the methodologies used. This document enables a critical analysis of teaching practices, providing valuable insights for professional growth. During supervised teaching practice placement pre-service teacher, have the chance to experiment with different pedagogical approaches, adapt to different situations and learn how to manage the class effectively. This practical experience is indispensable for training a teacher who is well prepared for the challenges of teaching today. At the end of the school placement, the report also serves as a space for reflection on the lessons learned, the successes achieved and the areas that need to evolve. This reflection is vital for continuous growth and the improvement of educational practices, ensuring that future teachers are well prepared to make a positive contribution to education.

Índice

| | |
|--|----|
| AGRADECIMENTOS | iv |
| Resumo | v |
| Abstract | vi |
| 1. Introdução | 10 |
| 2. Enquadramento pessoal e profissional | 11 |
| 2.1. Uma decisão a partir de um percurso | 11 |
| 2.2. Expectativas iniciais | 12 |
| 3. Enquadramento institucional | 14 |
| 3.1. A importância da PES | 14 |
| 3.2. A PES no ISMAI | 15 |
| 3.3. A escola cooperante: lugar de prática | 16 |
| 3.4. Caracterização do núcleo da PES | 18 |
| 4. Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção | 18 |
| 4.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem | 18 |
| 4.1.1. Conceção de ensino | 18 |
| 4.1.2. Planeamento | 19 |
| 4.1.3. Realização | 22 |
| 4.1.4. Avaliação | 24 |
| 5. Participação na escola e Relação com a comunidade | 25 |
| 5.1. Atividades realizadas | 25 |
| 5.2. Fazer aprender para lá da aula: impactos da minha experiência e atuação | 29 |
| 5.3. Socialização profissional e institucional | 31 |
| 5.4. A Componente ético-profissional | 32 |
| 6. Desenvolvimento profissional | 34 |
| 6.1. Dificuldades e necessidade de formação contínua: um imperativo da profissão | 34 |

| | | |
|-----------|-----------------------------------|----|
| 7. | Reflexões finais | 35 |
| 8. | Referências bibliográficas | 37 |

Lista de Abreviaturas

EE- Estudante Estagiário

EF- Educação Física

ISMAI- Universidade da Maia

MID- Modelo de Instrução Direta

OC- Orientador Cooperante

PES- Prática de Ensino Supervisionada

SV- Supervisor

TGFU- *Teaching Games for Understanding*

1. Introdução

O presente documento é elaborado no âmbito do último ano de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, realizado no Colégio Camões, pertencente ao Grupo Ribadouro. Este estágio constitui uma etapa fundamental na minha formação prática e teórica, como estudante, possibilitando a aplicação dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso e o desenvolvimento de novas competências profissionais.

O estágio decorreu ao longo de todo o ano letivo, sob a orientação do professor cooperante, Professor Jacinto Oliveira e a supervisão do Professor Doutor Rui Resende. Durante este período, lecionei aulas de Educação Física (EF) aos alunos do 9.º e 12.º ano, que constituíram as minhas turmas principais. Contudo, tive também a oportunidade de lecionar aulas a todas as turmas do colégio, o que me proporcionou uma experiência abrangente e diversificada.

Para além da lecionação das aulas, estive envolvido na organização e condução de várias atividades extracurriculares, tais como torneios inter turmas, desporto escolar e tradições festivas. Estas atividades contribuíram significativamente para o meu desenvolvimento profissional, oferecendo-me uma visão mais ampla do papel do professor de EF na promoção do desporto.

O presente relatório está estruturado de forma a fornecer uma visão detalhada da minha experiência de estágio. Inicialmente, apresento uma descrição do Colégio bem como um pouco do meu passado, seguida das minhas expectativas iniciais. A importância da prática de ensino supervisionada e todos os seus subtemas, estão também descritos. As modalidades lecionadas, bem como os modelos usados para a sua lecionação, as atividades em que estive envolvido e responsabilidades assumidas durante o estágio, está descrito neste documento. Por fim, incluo uma reflexão crítica sobre os desafios enfrentados, as soluções adotadas e as competências desenvolvidas ao longo da PES.

Através deste relatório, pretendo evidenciar a importância do estágio na minha formação como futuro profissional de EF, partilhar as aprendizagens e experiências adquiridas que foram determinantes para o meu crescimento pessoal e profissional.

2. Enquadramento pessoal e profissional

2.1. Uma decisão a partir de um percurso

Desde o início, a minha vida esteve profundamente entrelaçada com o mundo desportivo. O meu envolvimento com o desporto começou em tenra idade, quando eu tinha apenas dois anos, e dei meus primeiros passos na ginástica. Aos quatro anos, mergulhei no mundo da natação, um maravilhoso reino aquático que me encantou desde cedo e perdurou até aos 10 anos. Com oito anos de idade, embarquei numa nova jornada desportiva ao ingressar no futebol, uma paixão que alimentei com dedicação até completar 19 anos. A bola nos pés e a emoção dos campos de futebol eram parte integral da minha juventude e moldaram o meu carácter de muitas maneiras. Aos 16 anos, iniciei um novo e fascinante capítulo na minha jornada desportiva - o mundo da musculação. Essa aventura no universo da construção do corpo revelou-se uma procura constante por superação e autodescoberta, uma jornada que perdura até os dias atuais. A minha relação com a musculação tornou-se um compromisso sério e uma procura contínua por melhorias físicas e mentais. Assim, posso afirmar que eu, o desporto e atividade física, partilhamos uma história longa e enriquecedora, repleta de experiências memoráveis. Esta história está longe de atingir seu epílogo, pois, se tudo seguir conforme o planeado, o meu próximo passo será partilhar todo o meu conhecimento e paixão como professor de EF, continuando a perpetuar essa história de amor pelo mundo desportivo. Até concluir o terceiro ciclo, a minha visão em relação à futura profissão que gostaria de abraçar como adulto, permanecia incerta. Entretanto, ao entrar no Ensino Secundário, comecei a conceber algumas aspirações e a delinear possíveis caminhos a seguir. Como qualquer adolescente, nutria o sonho de me tornar jogador de futebol e trabalhava diariamente com afinco nessa direção. Com o amadurecimento, comecei a considerar alternativas caso esse sonho não se concretizasse. Duas opções despontaram no horizonte. A primeira consistia em ingressar no curso de ensino superior público voltado para a formação de Oficiais da Polícia de Segurança Pública. A segunda alternativa era seguir a carreira de professor de EF. Ao concluir o Ensino Secundário, escolhi inicialmente candidatar-me ao Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, e consegui efetivar essa candidatura. No entanto, a vida muitas vezes levou-nos por caminhos inesperados, e, por decisão pessoal, após alguns meses de estudos nessa instituição, optei por sair. Embora reconhecesse a excelência do curso, havia certas obrigações e exigências que, naquela altura, considerei incompatíveis com o meu percurso e ambições pessoais. Decidi, então, voltar para casa e concentrar-me na minha segunda opção, que era

seguir a carreira de professor de EF. Ingressei na universidade, onde cursei Ciências do Desporto e, atualmente, estou empenhado em concluir o meu mestrado em Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário.

2.2. Expectativas iniciais

Foi com grande entusiasmo que iniciei esta jornada de aprendizagem prática na área da EF, como parte integrante do meu percurso académico. Ao longo do ano letivo, tive o privilégio de vivenciar o ambiente escolar, trabalhar lado a lado com profissionais dedicados e, mais importante ainda, impactar positivamente a vida dos alunos. Compreendi desde logo que era um momento crucial da minha formação, onde a teoria se fundia com a prática estando determinado a absorver o máximo de conhecimento e experiência possível.

Tinha como expectativa que a prática de ensino supervisionado, fosse uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional tanto para mim, como para os discentes com quem iria privar. Estava ansioso para contribuir para o ambiente educacional de forma significativa, promovendo a importância do exercício físico e do bem-estar nas vidas dos jovens que iria acompanhar. Uma das minhas finalidades principais residiu na habilidade de responder adequadamente às demandas que foram surgindo, demonstrando competência na resolução de desafios e obstáculos que se foram apresentando. Além disso, almejava cultivar uma sólida aptidão para o trabalho em equipa, enriquecendo o meu saber, através da aprendizagem prática, ao colaborar e absorver o conhecimento dos profissionais mais experientes e capazes. Já que, tive sempre consciência que, o contexto de escola/sala de aula, com alunos reais, diferia das aulas na faculdade.

Previ inicialmente a possibilidade de problemas, conflitos, mudança de planos. Estes surgiram e nada melhor que aprender com profissionais experientes, rotinados e dispostos a ajudar-me.

Senti também um sincero desejo de aplicar, de forma abrangente, o conhecimento que acumulei ao longo dos anos anteriores, especialmente no primeiro ano do meu programa de mestrado, como também, estabelecer uma sólida ligação entre o entendimento teórico e a sua aplicação prática. Sabia que ao proceder dessa forma, estava totalmente aberto a todas as possibilidades que podiam vir a surgir. Acreditei piamente que essa abordagem seria crucial para ampliar tanto meu conhecimento quanto minha experiência. Estava motivado e entusiasmado para embarcar nessa jornada de aprendizagem prática, ciente de que a experiência desempenharia um papel fundamental no meu crescimento como futuro docente.

A principal ênfase de minhas expectativas residiu na integração entre a teoria acadêmica e a prática real. Estava determinado a acumular o máximo de conhecimento e experiência possível, aplicando eficazmente o que aprendi ao longo dos anos transatos. Acreditei que esta era uma oportunidade única para criar uma ligação sólida entre a teoria e a aplicação prática, sabendo que seria o último momento em que me seria permitido errar, aprendendo com esses erros e preparando-me para desafios futuros.

Em resumo, este estágio representou uma oportunidade valiosa para aprimorar as minhas habilidades, aprender com profissionais experientes e aplicar o meu conhecimento teórico na prática. Estava muito confiante de que essa experiência me permitiria crescer tanto pessoal quanto profissionalmente, contribuindo para a formação de alunos mais saudáveis e conscientes em relação à EF e ao bem-estar. As minhas expectativas em relação ao Colégio Camões eram também muito elevadas. Tinha recebido *feedbacks* muito positivos de ex-alunos, pais de ex-alunos e até mesmo de profissionais que já trabalharam na instituição. Esperava encontrar uma instituição de ensino extremamente organizada, bem estruturada, com materiais de alta qualidade e uma equipa de profissionais dedicados e altamente competentes. Tinha expectativa que o Colégio Camões me proporcionasse oportunidades de aprendizagens significativas, onde poderia aplicar tudo o que aprendi ao longo dos anos de licenciatura e mestrado.

No que dizia respeito ao orientador cooperante, as minhas expectativas eram muito positivas. Como mencionei anteriormente, recebi *feedbacks* de ex-alunos que descreveram o professor Jacinto como alguém íntegro, correto e respeitoso, com um conhecimento sólido e uma notável habilidade de ensino. Tinha uma enorme esperança de ter a oportunidade de absorver todo o conhecimento, experiência e profissionalismo que ele pudesse partilhar.

Quanto aos meus colegas no núcleo PES, tive a oportunidade de conhecê-los em anos anteriores e, como resultado, estava ciente de que eram pessoas dedicadas, solidárias e alinhados com os meus próprios princípios e valores. Estava confiante de que seria uma tarefa tranquila partilhar esta jornada com eles, convencido de que desempenharíamos as nossas funções com excelência, colocando sempre em primeiro plano a cooperação, a camaradagem e o trabalho em equipa. Encontrava-me ansioso para colaborar com eles, priorizando a ajuda e promovendo uma atmosfera de companheirismo e sinergia no cumprimento das nossas responsabilidades.

Finalmente, em relação ao grupo de EF, almejava encontrar um conjunto de colegas acolhedores, prontos para nos receber de maneira hospitaleira e dispostos a prestar apoio e assistência sempre que houvesse necessidade.

3. Enquadramento institucional

3.1. A importância da PES

A passagem do conhecimento académico para a prática da lecionação, sobretudo no contexto real da EF, representou um desafio complexo e crucial para mim como futuro professor da área. Neste percurso, a orientação por parte de um docente mais experiente, que no meu caso foi o excelente profissional, professor Jacinto Oliveira, desempenharam um papel fundamental na minha formação, impactando positivamente na minha prestação.

Desde o primeiro momento senti necessidade de adquirir conhecimento prático e experiência com profissionais capacitados, pois acredito na ideia de que o conhecimento teórico, quando não é aliado ao prático, demonstra-se insuficiente.

Para corroborar essa ideia, justifico com a simples realidade do meu percurso na Prática de Ensino Supervisionado (PES), onde, comparativamente o meu “eu” inicial com o meu “eu” final, apresenta diferenças substanciais. Inicialmente, apesar de ter consciência de como proceder em várias situações e contextos, esse conhecimento não passava de teoria, de suposição. Eu suponha que o contexto y, x ou z, seriam de uma determinada forma, e que necessitariam de um determinado padrão comportamental da minha parte, ou da parte do professor, mas não passava disso, de suposição. Nunca tinha vivenciado certos aspetos e situações, não do ponto de vista do professor. Por exemplo, reunião de pais, foi um dos contextos que me impactou, pois, fugiu significativamente ao que eu imaginava. Na minha forma de equacionar situações, a reunião de pais seria uma oportunidade de conhecer os pais dos alunos, de justificar as notas dos seus filhos, de forma detalhada para que não existissem incompreensões das mesmas. Sempre achei que do outro lado, os recetores, neste caso, os encarregados de educação, partilhassem de uma conduta permissiva, imparcial e tolerante. Contudo, não foi com essa realidade que me deparei e, sem ter sido previamente preparado, deparei-me com pais totalmente insatisfeitos, irascíveis e iletrados quanto às capacidades desportivas dos alunos em questão. Claro, não foram todos, estou a generalizar. Mas foram bem mais que aquilo que esperava. “E porquê?” Perguntava-me eu na altura da primeira reunião. “Porque que eles estão tão chateados com as classificações, se os alunos em questão não merecem mais do que foi dado?” Foi algo que me fez refletir de verdade. Acredito que esse foi o primeiro marco onde concluí que realmente a experiência no campo tem um peso significativo.

Já na segunda reunião e justificando a ideia principal anteriormente explícita, senti-me muito mais capaz, preparado e capacitado para lidar com tudo aquilo que a reunião envolveu. Desde a justificação das classificações, lida com os pais e sentimento próprio de satisfação e dever cumprido. O que na minha conceção, foi normal. Na primeira reunião, e apesar de não me ter saído nada mal, considerando ter tido uma prestação bastante competente para quem foi “atirado aos leões” pela primeira vez, não estava minimamente dessensibilizado ao contexto, pois, nunca o tinha vivenciado. Já na segunda, habituado e sociabilizado com o momento, foi tudo bem mais simples. Fiquei mais inteligente da primeira para a segunda? Estudei mais sobre o assunto? A resposta é não. O que mudou foi a minha experiência prática aliada com o conhecimento teórico. Após e durante a primeira reunião, observei atentamente o professor Jacinto, a forma de como ele lidava com as diferentes situações, queixas, insatisfações, conselhos pedidos, entre muitos outros. Ouvei e acatei as informações que me passava, aconselhei-me também com os outros professores de EF e colegas de estágio. Tudo isso ajudou a capacitar-me para ultrapassar o desafio sem grande dificuldade e o contexto que inicialmente parecia difícil, demonstrou ser fácil com esse preparo.

Em suma, para mim, a importância da PES reside exatamente nesse quesito, no poder da experiência. No início deste capítulo, comecei por defender que “o conhecimento teórico, quando não é aliado ao prático, demonstra-se insuficiente” e concluo, afirmando que qualquer profissional, que não seja dotado de experiência prática, não há livro nenhum no mundo em que ele se possa basear para o contexto real. Assim, a PES não apenas complementa o conhecimento teórico, mas também o enriquece, tornando-o mais relevante e aplicável ao contexto profissional.

3.2. A PES no ISMAI

O diferencial da Universidade da Maia reside na sua abordagem prática e interativa. Ela proporciona experiências significativas de campo, estágios supervisionados e práticas reais de ensino. Essa imersão prática permite que os estudantes apliquem as teorias aprendidas em situações do mundo real. Isso é vital, já que o contexto do ensino básico e secundário é multifacetado, envolvendo não apenas o domínio do conteúdo, mas também habilidades interpessoais, a capacidade de adaptação a diferentes condições e a flexibilidade necessária para atender a diversos alunos e modalidades desportivas. Portanto, a Universidade da Maia desempenha um papel integral, capacitando os futuros professores de EF com uma

compreensão sólida da teoria, combinada com a experiência prática que os prepara para serem eficazes e adaptáveis em ambientes de ensino diversificados.

Mediante o artigo 2.º do Regulamento da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, a PES manifesta-se como abordagem para incorporar os Estudantes Estagiários nos ambientes de ensino, de maneira direcionada. Este procedimento é organizado em torno de três domínios de atuação:

- Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem;
- Participação na Escola e Relação com a Comunidade;
- Desenvolvimento Profissional;

Finalmente, a Prática de Ensino Supervisionada encontra o seu embasamento legal no Decreto-Lei n.º 79/2014 de 14 de maio, no Regulamento Geral dos Cursos de Segundo Ciclo de Estudos do ISMAI, no Regulamento Específico do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário estabelecendo um protocolo de colaboração entre o ISMAI e as escolas do ensino básico e/ou não agrupadas em todo o território nacional.

3.3. A escola cooperante: lugar de prática

O Colégio Camões foi a instituição na qual realizei a minha Prática de Ensino Supervisionada. Fundado na década de 1970 e localizado no Município de Gondomar, o colégio possui uma abastada história com mais de quatro décadas de existência, o que lhe confere uma posição de proeminência e destaque no cenário do ensino privado. A instituição recebe alunos de uma ampla diversidade de origens geográficas, contextos socioeconómicos e bagagens culturais, abrangendo desde a pré-escola até o ensino secundário, incluindo o 12.º ano. Esse ecossistema diversificado de estudantes impõe uma demanda significativa de organização, precisão e profissionalismo, a fim de garantir que todos os alunos tenham a oportunidade de desfrutar de um ensino de qualidade e possam alcançar seus objetivos de aprendizagem.

A capacidade de acomodar um corpo discente tão heterogêneo é um desafio notável, e o Colégio Camões esforça-se para criar um ambiente educacional inclusivo e enriquecedor. Essa abordagem requer uma administração eficaz, uma equipa de professores dedicados e um currículo adaptado para atender às necessidades variadas dos alunos.

O grupo de EF é composto por quatro professores da área, todos eles do sexo masculino. O grupo é bastante acessível e cooperativo, trabalhando bem em equipa. Está introduzido no

departamento de Artes e Expressões, abrangendo professores da área, bem como geometria descritiva, educação visual, tecnológica e educação musical.

Quanto aos recursos educacionais, nomeadamente recursos espaciais, materiais, temporais e humanos, o Colégio Camões dispõe de algumas discrepâncias, e passo a detalhar. Quanto aos recursos temporais e humanos, o Colégio encontrava-se bem organizado e suprimido, justificado pela boa organização de unidades didáticas, número de aulas por período, divisão de modalidades, bem como a vasta equipa de funcionários, corpo docente e direção pedagógica e materiais mais que suficientes. Contudo, em contrapartida, nos recursos espaciais e temporais, a instituição carecia um pouco. Os espaços disponíveis eram curtos para a demanda existente, o que conseqüentemente obrigava à partilha de espaços já reduzidos. Foram muitas as vezes que senti necessidade de adaptação da planificação, devido à ausência de espaço disponível e à sobreposição de aulas. Essa realidade, para mim não foi de todo negativa, pois, proporcionou-me experiência, preparando-me para situações como esta no futuro. No entanto, no âmbito da instituição, considerava recursos a evoluir, de modo a promover condições mais vantajosas aos alunos e professores.

No que diz respeito às turmas sob a minha responsabilidade, fui encarregue do 9.ºC e do 12.ºA1. Foi um privilégio lecionar ambas, pois, em linhas gerais, eram turmas que demonstravam interesse e um nível de dedicação aceitável. No entanto, era notável a significativa diferença entre elas em vários aspetos. O 9.ºC, em virtude da faixa etária, exibia um nível de maturidade inferior em comparação com a turma do 12.º ano. Os estudantes desta turma tendiam a distrair-se mais facilmente, demandando explicações mais detalhadas e frequentemente apresentavam dificuldades em compreender as instruções de forma imediata. Havia uma notável disparidade no nível de habilidades e conhecimentos entre os alunos, com alguns a demonstrar um domínio dos conteúdos e das habilidades técnicas considerável, enquanto outros enfrentavam desafios significativos. Apesar dessas diferenças, a turma, em geral, apresentava-se como respeitadora e foi um grupo com o qual tive satisfação em trabalhar. Por outro lado, a turma do 12.ºA1 já apresentava um nível significativo de maturidade, especialmente entre as alunas, que, ao longo do ano, demonstraram uma notável responsabilidade. Já os rapazes tendiam a ser mais brincalhões e extrovertidos, e, ocasionalmente, exigiam uma abordagem mais firme. No entanto, quando chamados à atenção, eles respeitavam sem contestação. Essa maturidade adicional refletiu-se nas aulas, proporcionando uma dinâmica muito positiva.

3.4. Caracterização do núcleo da PES

No que ao núcleo da PES diz respeito, só vivenciei aspetos positivos. O ambiente de trabalho, desde o primeiro dia, foi excelente, superando as minhas expectativas. Desde a minha relação com os meus colegas de estágio, até aos demais professores, sobretudo com o núcleo de EF.

Com os meus colegas de PES, o ambiente sempre foi de cooperação, companheirismo e amizade. Trabalhávamos literalmente como uma equipa coesa, ajudando-nos mutuamente ao longo de todo o ano. Com eles aprendi que o poder do companheirismo vai além de qualquer dificuldade.

Com o meu orientador cooperante, a relação foi igualmente formidável. O professor Jacinto demonstrou-se ser sempre acessível, presente e um ótimo líder. Auxiliou-me sempre que necessário, dotado de uma conduta modelo, liderou-me pelo exemplo, demonstrando que nada melhor que sermos o padrão daquilo que queremos passar para os nossos alunos.

Com o restante núcleo de EF, as aprendizagens foram também significativas. A cooperação foi notória, pois, não foi ao acaso que eu e os meus colegas de PES, substituímos dois professores durante um longo período, mais que uma vez. Os professores sempre confiaram em nós, e com eles aprendi a encarar os desafios com confiança, tranquilidade e sem nervosismos desnecessários. “Para o professor de EF está sempre tudo bem, temos de emanar energia positiva”, esse era o lema, com o qual concordo totalmente.

4. Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção

4.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

4.1.1. Conceção de ensino

4.1.1.1. Modelos de Ensino

No presente capítulo, sublinho a relevância da implementação de abordagens pedagógicas centradas no aluno, as quais fomentam aprendizagens mais profundas e significativas (Silva et al., 2017), reconhecendo a relevância que concerne à prática pedagógica, ao seu impacto na satisfação e no estímulo dos estudantes.

Posto isto, no uso dos modelos de ensino para a lecionação das diferentes modalidades abordadas, tive em atenção aqueles que mais se focavam no aluno, pois, acredito que “a formação de professores deve privilegiar um ensino centrado no aluno

fomentando uma educação inclusiva e uma aprendizagem colaborativa” (Batista & Resende, 2023), não descorando da sua aplicabilidade na prática, para a realidade em questão.

No subcapítulo seguinte (4.1.2 Planeamento), abordo todos os modelos de ensino utilizados ao longo do ano letivo, descrevendo os mesmos e o porquê da sua utilização.

4.1.2. Planeamento

Planear significa antecipar todo o tipo de possibilidades, desde o que é suposto acontecer até ao que realmente acontece. E aí concerne, o que na minha visão, considero a importância do planeamento. O planeamento é como uma rosa dos ventos, que norteia tudo aquilo que está estipulado para ocorrer, tanto na escola como na vida. Se eu tenho um objetivo, seja a curto, médio ou longo prazo, tenho de traçar os meus passos para o alcançar e a isso denomina-se planear. Aqui entra o planeamento anual que foi totalmente estipulado pelo grupo de EF., não tendo nenhuma influência dos estudantes estagiários. Desde logo conclui que no quesito autonomia, estaríamos limitados, o que é normal, não abordo essa mesma realidade com tom crítico, pois, considero que fez total sentido o planeamento anual ser elaborado por profissionais experientes e conhecedores na realidade em questão.

O planeamento anual estava então delineado para a lecionação de várias modalidades, nomeadamente, no primeiro período, tanto na turma do 9.º, como na do 12.º ano, futsal, andebol e badminton. No segundo período, novamente para ambas as turmas, basquetebol e ginástica, no entanto, a ginástica diferiu entre acrobática e solo, e enquanto no 9.º ano se lecionou atletismo, no 12.º ano foi lecionado jogos tradicionais. Já no último período, as modalidades foram novamente coincidentes, sendo elas voleibol e atividades rítmicas e expressivas.

Em todos os períodos existiram aulas destinadas aos testes de aptidão física. No primeiro e segundo período, existiram também aulas referentes à apresentação dos temas de conhecimentos.

As unidades didáticas foram elaboradas conforme os objetivos de aprendizagem de ambos os anos de escolaridade, sendo que sempre que as modalidades eram as mesmas, a unidade didática de um servia como base forte para a outro, contando com todos os ajustes necessários, detalhados ao ano em questão. A planificação seguiu o modelo de *Backward Design* na elaboração das unidades de ensino. Neste método de planeamento inverso, os professores desempenham o papel de *designers* do processo educativo e das experiências de aprendizagem para executar objetivos particulares. Simultaneamente, assumem o papel de

designers das avaliações para estimar se os objetivos foram atingidos. Em suma, o processo consiste em planejar as unidades didáticas conforme o *Big Picture Goal*, ou seja, o objetivo final.

Todas as aulas por mim lecionadas contaram com planos de aula detalhadamente elaborados. Esses mesmos planos eram realizados antecipadamente, conforme o estipulado na unidade didática. Contudo, em algumas ocasiões senti necessidade de os modificar, tanto imediatamente antes da leção da aula e mesmo durante a aula. Essa necessidade justificou-se por algumas particularidades, nomeadamente, por concluir que determinado exercício não se aplicava às características das turmas em questão, ou então, por sentir durante a aula falta de fluidez, entraves significativos e conseqüentemente, necessidade de adaptação.

Todos os planos contavam com uma estrutura específica, como cabeçalho, onde a data, o número da aula, o modelo de ensino, material e número de alunos, estavam detalhados. Critérios de êxito, palavras-chave, objetivos dos exercícios, descrição, sumário, função didática, objetivo da aula, motor, cognitivo e socio efetivo. No final, era sempre realizada a reflexão da aula em questão, onde refleti sobre o ocorrido, discutindo sobre problemas surgidos, soluções, aspetos positivos, entre outros aspetos.

No que concerne às modalidades ministradas, nomeadamente andebol e futsal, o modelo adotado foi o “Modelo do Ensino do Jogo para a Compreensão”. Este modelo, pautado pelo ensino orientado para a descoberta, expõe os alunos a desafios e situações-problema, incitando-os a resolver tais dilemas de maneira autônoma. O objetivo preponderante reside na potencialização da capacidade de jogo dos alunos, alinhando-se, desta maneira, às exigências inerentes às modalidades em questão. Essa metodologia revela-se, como uma abordagem congruente e eficaz para o desenvolvimento das competências requeridas em ambas as modalidades (Turner & Martinek, 1999).

A modalidade de Badminton, sendo um desporto individual ou de duplas, fez-me sentir a necessidade de ajustar alguns elementos para a eficácia do seu ensino, começando pela própria estrutura do modelo pedagógico adotado, notadamente o Modelo Desenvolvimental das Tarefas. Este modelo advoga que, para que os praticantes alcancem níveis significativos de desempenho, é imperativo compreender cuidadosamente o patamar atual dos seus conhecimentos e habilidades. A essência reside em estabelecer uma conexão entre a zona do desenvolvimento atual, representativa do conhecimento e habilidades já adquiridos, e a zona do próximo desenvolvimento, indicativa do potencial de crescimento iminente. Esta abordagem personalizada visa otimizar o processo de aprendizagem, ajustando-se às necessidades individuais de cada praticante no contexto desafiador e dinâmico do Badminton (Bento, 1987).

Neste prisma, na elaboração dos planos de aula, tive sempre em atenção a necessidade do domínio de determinada habilidade na sua fase inicial de exercitação ser essencial, antes de ser praticada em situações mais exigentes, essas progressões são concebidas para seguir uma organização estratégica dos conteúdos, adotando a transição gradual do simples para o complexo. (Tyler, 1949 apud French et al., 1991).

No basquetebol, o modelo usado foi o Modelo de Competência nos jogos de invasão. Caracterizando-se quase como um modelo híbrido referente aos modelos de Educação Desportiva e TGFU. Graça et al. (2006), defendem que o jogo é aprendido através do mais simples, com orientação ativa do professor e não apenas do simples ato de jogar. Tem como objetivo desenvolver competências como capacidade de trabalhar em equipa, identificar informações relevantes e tomar decisões relevantes no contexto do jogo e por fim, capacidade de executar eficazmente a opção eleita (Graça et al., 2006).

Na lecionação dos jogos tradicionais, no 12.º ano, não adotei nenhum modelo de ensino, devido ao facto de se caracterizar uma temática que demandava pouquíssima ou nenhuma intervenção da minha parte. Os temas foram pré-definidos pelo professor orientador, nos quais os alunos, em grupos, desempenharam a função descrever e exemplificar um tipo de jogo tradicional para a restante turma. O meu papel baseou-se em monitorar cada grupo ao longo das aulas destinadas.

Na implementação da modalidade de atletismo, o modelo adotado foi o Modelo de Instrução Direta, motivado pelo número reduzido de aulas disponíveis para a lecionação da mesma e as suas particularidades. O MID, sendo um modelo que se apoia na repetição de execuções técnicas visando a progressão pedagógica, promovendo que a aprendizagem se verifique pelo papel passivo do aluno e pela sua capacidade de reproduzir as orientações transferidas pelo professor, ou seja, centrando o procedimento de ensino e aprendizagem no professor (Pereira et al., 2013).

O modelo de ensino utilizado na lecionação de ginástica foi o modelo de ensino entre pares, cujo objetivo visou a entajada dos alunos ao trabalharem em conjunto, reconhecendo a importância do auxílio prestado e recebido entre colegas (Silva et al., 2017).

No terceiro e último período, as modalidades lecionadas passaram por voleibol e atividades rítmicas e expressivas.

Em voleibol, como aprendi no primeiro ano de mestrado, não pude deixar de usar um modelo criado exclusivamente para o ensino do voleibol, nomeadamente, o Modelo de Abordagem Progressiva ao Jogo. Ele defende que a matéria de ensino passa pelo reconhecimento dos níveis de desempenho, usando o jogo para isso. Reconhecendo o ponto de

partida do aluno, compreendo também a etapa de aprendizagem a abordar. A passagem de etapa para etapa deve ser gradual e com estruturação progressiva (Pereira et al., 2013).

Por último, nas atividades rítmicas expressivas, o Modelo de Aprendizagem Cooperativa foi o modelo usado, defendendo o trabalho colaborativo entre os alunos, atribuindo autonomia aos grupos de trabalho (Silva et al., 2017). Os alunos foram orientados para a realização de pequenas coreografias em todas as aulas e uma coreografia final, todas para apresentação, originando a cooperação intergrupar dos mesmos para atingir os objetivos delineados.

4.1.3. Realização

4.1.3.1. Dimensões da intervenção pedagógica

Os jovens atletas, através da envolvimento em programas desportivos, podem ser altamente influenciados pelos seus treinadores (Subijana et al., 2021), e com os alunos de educação física não é diferente, em relação aos seus professores.

A instrução apresenta conexão direta com a aprendizagem, implicando aptidões de ensino, como é exemplo a salvaguarda da segurança dos alunos, a comunicação assertiva e direta, planeamento, fecho de ciclos de *feedback*, utilização de alunos e o questionamento, como elementos de ensino (Barros, 2015). Nesse aspeto, ao longo do meu percurso na PES, assentaram alguns desafios, no entanto, considerei sempre extremamente importante “instalar um clima de confiança e cumplicidade, evidenciando justiça no relacionamento e nas decisões a tomar” (Resende, 2021, p. 6). Foi usual, nas diferentes modalidades, existir alunos a tentar realizar aula a mascar pastilha elástica e, no meio de tantos, não era fácil observar esse aspeto. Sempre que acontecia, eu cessava esse comportamento, no entanto, o desafio estava em reparar, pois, não tinha o hábito de analisar a boca dos alunos e se eles mastigavam ou não, passou-me muitas das vezes despercebido. O professor Jacinto foi-me orientando nesse aspeto e, com o passar do tempo, fiz um esforço para estar atento a isso. Outra situação referente à segurança dos alunos, consistia na insistência maioritariamente das alunas em tentar fazer aula de jóias, como anéis, pulseiras, relógios ou colares, que demandava sempre atenção da minha parte. No que toca à comunicação, *feedbacks* e conseqüente os fechos de ciclo de *feedbacks*, sempre tive em atenção munir-me da comunicação mais clara, perceptível e assertiva possível, evitando ao máximo momentos de confusão ou necessidade de novas explicações. Claro que nem sempre

se verificou isso, existindo momentos de maior carência de instrução, contudo, foi algo que tentei ir melhorando.

A gestão concerne na estruturação de rotinas de aula, proporcionando o máximo de tempo disponível de empenho motor dos alunos, evitando assim demasiado tempo de instrução por parte do professor e tempos de espera dos alunos. O início da aula, no horário estipulado foi um fator que se fez sentir determinante para uma boa gestão da aula. Para isso, apresentei-me sempre presente alguns minutos antes do início, esperando assim pela turma. A utilização do menor tempo possível em explicações foi algo que eu tentei manter-me o mais fiel possível, dentro da realidade. Assim como, posicionamento na aula, em que muitas das vezes fui aconselhado pelo professor Jacinto, não por estar com um posicionamento errado, mas para conseguir adotar um ainda mais correto. E por fim, a adaptação às imprevisibilidades, como sobreposição de espaço, condições climatéricas ou material.

Quanto ao clima das aulas, de forma a torná-las mais prazerosas e agradáveis aos alunos, baseie-me em algumas premissas que me são intrinsecamente naturais, nomeadamente, cumprimento inicial aos alunos, utilização de um tom de voz seguro mas amigável, sempre que possível usar o nome dos alunos para me dirigir aos mesmos. Este ponto aqui foi um desafio nas primeiras semanas, pois não sou muito bom a decorar nomes e tive mesmo de me esforçar para o fazer. Olhar sempre nos olhos dos alunos quando a eles me dirijo, demonstrando um discurso seguro e respeitoso. Procurei evidenciar uma postura corporal confiante e acessível e, sempre que possível, interagir com os alunos de forma menos séria e em assuntos extra-aula, tendo assim em consideração a dimensão humana, explorando tópicos bastante valorizados pelos estudantes, como a compreensão, a simpatia, a motivação e a valorização dos alunos (Gonçalves et al., 2017).

Por último, mas não menos importante, a disciplina. Nunca senti grandes dificuldades a nível disciplinar, independente da turma, modalidade lecionada ou nível de escolaridade. Ao longo da minha PES, e como defendeu o professor Clovis Brito na formação de “Indisciplina na Educação Física” que assisti no ISMAI, cumpri sempre com todos os assuntos sérios, não permitindo que fossem caindo na banalidade. Desde início entendi que os alunos testam os professores e essa compreensão fez-me evoluir em estratégias disciplinares. Quando um aluno se negava a realizar aula ou a participar, demonstrava indisciplina, assim como o professor Clovis explicou na formação. Esse tipo de indisciplina foi a mais usual com que me deparei. Posto isso, adotei a estratégia de atribuir funções aos alunos, fossem elas de arbitragem, contagem de pontos ou realização de relatórios de aula. Como a indisciplina interfere na aprendizagem dos alunos, a minha função como professor era manter a disciplina constante

dentro das minhas aulas, pois, caso não o fizesse, não conseguia cumprir com o meu cargo e promover a aprendizagem.

Ao longo do ano letivo, tive sempre em atenção a divisão heterogénea dos alunos por nível de habilidade, de forma a potencializar a aprendizagem. Nem sempre os alunos eram divididos pelo mesmo nível de desempenho, pois, isso dependia da aula e modalidade em questão, permitindo equilibrar entre similaridade de desempenho e o equilíbrio que isso acarretava, mas também, usufruindo da capacidade dos melhores influenciarem o menos bons, auxiliando na sua evolução.

Potencializar o tempo de aprendizagem sem dúvida que se caracterizou por um aspeto importantíssimo. Com o decorrer do tempo como professor estagiário e o aumento de experiência prática, fui aumentando a capacidade de gerir o tempo da maneira mais adequada, perdendo menos tempo em explicações e mudanças de exercício. Acredito que essa aptidão é potencializada com a experiência prática e tempo de exercitação, bem como com implementação de comportamentos rotineiros, pois, no final da PES, era um profissional muito mais efetivo nesse quesito comparativamente às minhas semanas iniciais. O auxílio e orientação do professor Jacinto foram indispensáveis para essa evolução.

4.1.4. Avaliação

A avaliação em EF é uma componente fundamental no processo educativo, contribuindo significativamente para o desenvolvimento físico, emocional, social e cognitivo dos alunos (Lopes & Silva, 2020).

Sem avaliação não existe parâmetro inicial para refletir sobre do processo de ensino e de aprendizagem, e “só com uma avaliação de qualidade é possível alcançar o sucesso e alvejar a mestria pedagógica” (Albuquerque et al., 2013, p. 120).

Ao longo da PES, recorri a alguns tipos de avaliação, tais como, avaliação diagnóstica, ou revisão dos conteúdos dos anos anteriores, formativa, sumativa e auto e heteroavaliação.

A avaliação diagnóstica era aplicada por mim, no início do processo de aprendizagem para identificar as habilidades, conhecimentos e necessidades dos alunos. Dessa forma, consegui basear a minha planificação futura de forma mais eficaz.

A avaliação formativa distingue-se das demais, na medida em que, não ocorre pontualmente. Aplica-se ao aluno individualmente ou ao grupo, realizando-se tanto no início, durante e no final, ou seja, enquanto o aluno está a aprender. Tem como objetivo ajudar pedagogicamente o aluno, identificando quem está com dificuldades sugerindo formas de

evolução. Auxilia na tomada de decisões de natureza pedagógica. Esta tipologia de avaliação define objetivos de aprendizagem, utilizando alguns métodos de ensino, com o intuito de responder da melhor maneira às necessidades encontradas, e emite *feedback* construtivo, originando a ativa participação dos alunos no processo de aprendizagem (Lopes & Silva, 2020).

Na avaliação sumativa, o momento de avaliação é pertinente para a classificação dos alunos dentro de cada parâmetro referente à modalidade em questão. Posto isso, a avaliação sumativa deve salvaguardar validade e credibilidade, de forma que aquilo que está a ser avaliado seja o que é pretendido avaliar. Deve então existir a escolha prévia do conteúdo a ser testado, elaborando os conteúdos através de uma ordem lógica, usando o momento avaliativo em prol do melhoramento da aprendizagem (Orlich et al., 2010).

Por fim, no que diz respeito à auto e heteroavaliação, era pedido aos alunos que a realizassem no final de cada período, com o intuito dos mesmos avaliarem o seu próprio desempenho e o dos colegas.

No que diz respeito ao método avaliativo da instituição do Colégio Camões, deparei-me com grelhas pré estabelecidas, segundo as quais as minhas avaliações se regeram detalhadamente, no entanto, realço que ao longo das diferentes modalidades recorri a distintos instrumentos avaliativos, enquadrados com os modelos de ensino adotados, como o GPAI, ou Sistema de Avaliação de Performance no Jogo, que representa uma abordagem observacional multidimensional meticulosamente concebida para mensurar os comportamentos de desempenho durante atividades desportivas, evidenciando a compreensão tática e a habilidade dos alunos em selecionar e aplicar técnicas específicas (Rosado & Mesquita, 2011).

5. Participação na escola e Relação com a comunidade

5.1. Atividades realizadas

O Colégio Camões destacou-se ao longo do tempo como uma instituição com uma sólida tradição na organização de atividades ao longo do ano letivo. O seu principal objetivo sempre foi, e continua a ser, proporcionar aos estudantes uma ampla diversidade de experiências, que variam desde aprendizagem enriquecedora a momentos de diversão e convívio. Ao revisar os conteúdos apresentados durante as primeiras reuniões dos departamentos, ficou evidente a riqueza e diversidade das atividades planeadas para o ano letivo. Essas atividades abrangeram uma ampla gama de eventos, cada um com o propósito de enriquecer a vivência escolar dos alunos.

Entre essas atividades, destacaram-se o "Dia da Biblioteca Escolar", que incluiu eventos como a "Hora do Conto", promovendo assim o gosto pela leitura e a partilha de histórias. Também foi notável o envolvimento dos alunos no "Dia Mundial da Alimentação", que se dedicou à construção de apresentações sobre diferentes dietas alimentares, promovendo uma consciência sobre a importância da nutrição. O *Halloween* e as tarefas ligadas ao "Dia Mundial do Cinema" ofereceram uma oportunidade de celebração da criatividade e da cultura. As homenagens a São Martinho e a participação no "Dia do Pijama" demonstraram o compromisso social e a solidariedade da comunidade escolar. Além disso, o Colégio não deixou de celebrar a influência da televisão na vida moderna, no "Dia Mundial da Televisão". Por fim, o primeiro período foi coroado pela "Festa de encerramento e dos pais", celebrando o trabalho árduo e o compromisso dos alunos, professores e pais.

Já no segundo período, a atividade de maior relevância caracterizou-se por ser o torneio de futsal do 2º e 3º ciclo, em que eu desempenhei, juntamente com o núcleo de EF, o papel de organizador, árbitro e jogador. O torneio de basquetebol, em que acompanhei as equipas do Colégio Camões, até às instalações do Colégio Ribadouro e exerci o papel de árbitro.

Por fim, no terceiro período, as atividades de maior destaque foram "Dia Mundial da Dança" onde a minha participação passou pela organização. O torneio de futsal e voleibol do ensino secundário, onde também desempenhei, juntamente com o núcleo de EF, o papel de jogador.

Ao longo do ano letivo, participei em oito conselhos de turma, nomeadamente antes no começo do ano, do primeiro, segundo e terceiro período. A importância que retirei dessas reuniões foi significativa, começando desde logo com a reunião inicial, onde tive as primeiras informações sobre as turmas que ia lecionar. O OC teve o cuidado e a atenção de caracterizar individualmente todos os alunos de ambas as turmas que já conhecia dos anos anteriores, alertando-me para o comportamento e rendimentos dos mesmos na disciplina de EF. Foi também importante ouvir *feedback* dos restantes professores, das diferentes disciplinas, pois, isso proporcionou-me um entendimento geral de cada aluno. Nos conselhos de turma dos três períodos, o mecanismo das reuniões foi bastante idêntico, consistindo na apresentação e consequente discussão das notas de todos os alunos das turmas em questão. O rendimento dos alunos ao longo dos períodos era também caracterizado e detalhado, muitas das vezes discutidas técnicas entre os professores, para melhorar o aproveitamento dos mesmos, nas diferentes disciplinas.

Assistir e participar nas reuniões abriu-me horizontes em relação à atribuição de classificações, observei a forma como os professores, apesar de diferentes disciplinas, eram

cooperativos e preocupados com os resultados dos estudantes mesmo em disciplinas que não as suas. Todos os conselhos de turma que participei, quarto do 9.º C e 4 do 12.º A1, o clima era leve, de cooperação, entreajuda e com a pergunta subentendida no ar, “o que podemos fazer para que os estudantes atinjam ainda melhores classificações?” Essa característica evidenciou sempre o grande compromisso do colégio e dos seus profissionais, em promover as melhores condições possíveis de aprendizagem.

Todos os conselhos de turma foram dirigidos pela direção da turma em questão. Esses mesmos professores, diretores de turma, sempre se demonstraram acessíveis para resolver qualquer problema ou assunto relacionado com as suas turmas. Felizmente nunca existiu qualquer problema com nenhum aluno, contudo, todos os assuntos de importância significativa, como faltas de material ou de assiduidade e pontualidade, eram passadas ao diretor de turma e este fazia a ponte com os encarregados de educação.

Desempenhei também a função de professor principal no desporto escolar de futsal. Ministrei todas as aulas ao longo do ano, com alunos do segundo ciclo. No desporto escolar de futsal, os alunos, orientados por mim, realizavam sempre aquecimento específico para a modalidade, nomeadamente trabalho de mobilidade estática e dinâmica e corrida de intensidade baixa, antes da atividade se intensificar. As aulas contavam com jogos reduzidos e jogo formal 5x5, sempre com algumas variantes diferentes ao longo das aulas, como *jokers*, número de passes antes da finalização, jogo com balizas pequenas, entre outras. A minha experiência ligada ao futebol de 11 auxiliou-me bastante na lecionação desta modalidade, que apesar de não ser igual, partilha inúmeras características. Ao longo do ano letivo, os alunos demonstraram sempre bastante engajamento, evolução e prazer ao realizar as aulas. O crescente número de alunos de período para período, para mim, foi um bom indicador de satisfação.

O colégio, devido a uma necessidade temporária provocada pela ausência de dois professores do núcleo de EF, proporcionou-me uma oportunidade única durante um período que se estendeu por mais de um mês, em dois períodos diferentes. Períodos esses que detalhei na minha *drive*, “diário de bordo”. Durante esse tempo, assumi as responsabilidades de professor de EF em todos os níveis de ensino presentes na instituição. Isso incluiu o atendimento a todos os pré-escolares, bem como todas as turmas do primeiro ciclo, do segundo ciclo, do terceiro ciclo e do ensino secundário. Essa experiência abrangente e diversificada provou ser extraordinariamente enriquecedora, acrescentando consideravelmente à minha bagagem de experiência prática como professor. Senti a urgência de me adaptar com rapidez às marcantes diferenças entre os diversos níveis de ensino. Desde o início, ficou claro para mim que as abordagens pedagógicas não poderiam ser uniformes. O modo como conduzi uma aula para

alunos com 17 ou 18 anos é substancialmente distinto da metodologia que empreguei ao lecionar para crianças com idades entre 5 e 6 anos, ou até menos. Lidar com um público diversificado que abrange desde crianças em tenra idade, pré-adolescentes, adolescentes e jovens adultos exigiu uma combinação de sensibilidade e conhecimento pedagógico.

Já mesmo no final do ano letivo, no período em que todos os anos de exame nacional já só frequentavam o colégio para aulas preparatórias para exame, ocorreu um dia relacionado ao desporto. O Camões Olímpico, reservado aos alunos de segundo ciclo. À semelhança de muitas das atividades passadas, eu e os meus colegas de estágio, participamos ativamente na realização da mesma. Supervisionamos todas as estações existentes, nomeadamente, salto em altura, lançamento do peso, patinagem, tiro ao alvo e velocidade. Participamos também na montagem e desmontagem do espaço.

Tive também o prazer de, em conjunto com os meus colegas de estágio, organizar um evento anual relacionado à EF. O nosso intuito para o evento em questão, foi abordar diversos temas relacionados à EF, bem como comparar o passado da disciplina com o presente. Para isso, optamos por elaborar um *podcast*, onde entrevistamos alguns professores e funcionários do colégio e desportistas de diferentes modalidades, como canoagem, *powerlifting*, *bodybuilding* e desporto universitário. Todas as entrevistas realizadas aos atletas seguiram o guião de descrição do seu passado desportivo, relação e opinião sobre a EF nas escolas, e paralelismo entre a disciplina e a sua modalidade. Já com os professores e funcionários o foco incidu maioritariamente na comparação entre a EF das suas gerações com a atualidade.

O *podcast*, depois de devidamente editado, passou no átrio do colégio, onde pode ser visto por todos os alunos, funcionários, professores e pais.

No âmbito da unidade curricular de Projeto de Intervenção I e II, surgiu a necessidade da elaboração de um projeto a ser implementado durante a PES. O presente projeto teve como foco a introdução do programa *Skills4Genius*, explorando os seus efeitos no pensamento crítico, criativo e colaborativo.

A apresentação teve início pelas 11h30 da manhã do dia 14 de junho, no auditório do Colégio Camões. Espaço disponibilizado e capaz de albergar mais de 100 pessoas.

Contamos com a presença de cinco professores, do nosso orientador cooperante, Professor Jacinto e o Diretor do Colégio, Professor Doutor Helder, e quatro turmas, nomeadamente, 5.º, 7.º e 8.º anos de escolaridade.

Inicialmente, proporcionamos a realização de alguns jogos de pensamento crítico e criativo, aos alunos e professores, com o intuito de aumentar a sua curiosidade em relação ao

tema. Pedimos também que os mesmos, escrevessem num quadro específico, as suas expectativas para o nosso seminário.

A apresentação decorreu dentro das melhores expectativas, com a passagem da informação de forma clara, eficaz e assertiva, suscitando interesse e engajamento por parte do público, que se manteve focado e bastante atento durante toda a apresentação.

No final, foi visível a satisfação por parte da assistência, que demonstrou curiosidade, concordância e acolhimento, sobretudo da parte dos professores presentes, que deixaram bem explícito a apreciação face ao nosso projeto. Inclusive, o diretor da escola fez questão de nos dizer diretamente, realçando os pontos que mais o chamaram à atenção, elogiando a forma de como a informação foi passada, o carácter chamativo da apresentação e a complexidade do estudo.

5.2. Fazer aprender para lá da aula: impactos da minha experiência e atuação

O papel do professor transcende de forma considerável os limites da sala de aula, ou neste caso, do pavilhão de EF e do simples processo de ensino. O professor é responsável, não só pela mera transmissão de conhecimento, mas assume também, o papel de mentor e em alguns casos, o modelo a ser seguido.

Eu, como professor de EF, ao longo da minha jornada na PES, entendi desde cedo que não podia ser simplesmente um transmissor de informação, mas que o meu papel passava igualmente por cultivar habilidades cognitivas, emocionais e sociais, promovendo desenvolvimento holístico dos alunos, estimulando curiosidade, criatividade e pensamento crítico.

Como EE, percebi similarmente que devia ouvir os mais experientes, aqueles que ao longo dos muitos anos de serviço foram moldando e evoluindo o seu conhecimento. E com isso, durante o decorrer de todas as atividades realizadas, mantive especial atenção a quem estava por detrás das mesmas, ou seja, sendo eu uma pessoa observadora, não pude deixar escapar os métodos de trabalho, a forma de lidar com pessoas, sejam elas adultos ou crianças, a maneira de lidar com pequenas frustrações. Atividades como "Dia da Biblioteca Escolar", "Dia Mundial da Alimentação", *Halloween*, São Martinho, Festa de Natal, conselhos de turma, entre outras, permitiram-me isso mesmo, aprender com os diferentes profissionais do colégio. As atividades para os mais pequenos, demandavam uma organização aprimorada, bem como a lida com os mais novos e, nesse aspeto, as educadoras do pré-escolar, como as professoras do primeiro ciclo, eram exímias. Com elas entendi o verdadeiro significado de paciência, compreensão e

calma, já que crianças pequenas são curiosas, enérgicas e algumas têm dificuldade em cumprir com regras.

No que aos torneios desportivos diz respeito, nomeadamente futsal, basquetebol e voleibol, retirei que em contexto competitivo, os alunos de forma geral querem ganhar a todo o custo. E com isso, como EE e no caso, árbitro, aprendi a aprimorar a capacidade de ser um moderador, um referencial que faz com que o *fairplay* seja cumprido e independentemente de tudo, uma voz de comando que norteia para o caminho certo e chama à razão os mais exacerbados.

Já com os conselhos de turma, primeiramente adquiri experiência por participação, pois, até vivenciar o primeiro, não tinha sequer uma ideia de como seriam. Após alguns, conclui que vai muito além de discutir classificações. Com os conselhos de turma aprendi que antes de atribuir classificações, existe toda uma atenção ao processo de aprendizagem dos alunos. O diretor de turma dava um breve resumo de como era a vida do estudante em questão, tanto dentro como fora da escola, abordando aspetos familiares, desportivos e até amorosos, sempre com o intuito de auxiliar os demais professores a atentar a algum pormenor que pudesse ter influenciado negativamente ou positivamente na sua performance académica. Quando as notas não eram as melhores, era sempre discutido métodos e estratégias para ajudar à evolução. Essa discussão era geral no conselho, todos os professores presentes refletiam e argumentavam com o objetivo de chegar a um consenso positivo para o estudante em análise. Após a atribuição de todas as notas dos alunos, existia uma espécie de votação, onde os professores das diversas disciplinas demonstravam a sua aprovação, ou não, às diferentes classificações. No final, quando fechadas as classificações, todos os docentes presentes traçavam metas para a turma em questão, para o que faltava do ano letivo, cooperando entre si para a elaboração de objetivos reais e alcançáveis. Com isto aprendi que a cooperação, o trabalho em equipa e a partilha de opiniões fundamentadas auxilia não só o papel do professor, como também a evolução do estudante.

Lidar com um aluno do 1.º ano é bem dissemelhante de lidar com um aluno de secundário. Essa discrepância de relação, inicialmente demonstrou ser nova para mim, pois, independentemente de estar habituado a lidar com crianças, adolescentes e jovens adultos, não estava habituado a fazê-lo como professor, referencial máximo numa aula. Mas graças ao período de substituição acima descrito, deparei-me com essa necessidade e, sem dúvida, que teve um forte impacto na minha formação, não só como professor de EF, mas também como ser humano.

5.3. Socialização profissional e institucional

Durante todo o ano letivo, foram inúmeras as vezes que contactei diretamente com os muitos elementos da comunidade escolar. O meu núcleo de estágio demonstrou sempre proatividade em todas as situações que foi requisitado para as atividades existentes.

Primeiramente, e como interação base, não posso deixar de dar ênfase às saudações, sempre que por alguma pessoa me cruzava, fosse um/a aluno/a, funcionário/a ou professor/a, eram irrefutáveis. Cumprimentos como “bom dia” ou “boa tarde”, foram transmitidos infinitas vezes ao longo do meu percurso no Colégio Camões, bem como “obrigado” e “por favor”. Essa mensagem foi por mim inculcada a todos os meus alunos, começando por dar o exemplo, levando a cabo o papel de modelo a ser seguido, pois, não foram poucas as vezes que senti, total indiferença por parte dos alunos, seja na relação comigo ou com os restantes membros da comunidade escolar, então, nutri uma real carência para inculcar esses pequenos valores que em muito contribuem na formação dos jovens adultos.

Como abordado em tópicos anteriores, a participação do meu núcleo de estágio nas atividades existentes no Colégio Camões, foi vasta. Com isso, desenvolvi as melhores relações com toda a comunidade, desde alunos, professores e funcionários. Foram várias as vezes que auxiliamos funcionários do colégio na montagem de cenários para atividades, mudanças e remodelações de salas de aula, átrio de entrada, auditório, garagem de arrumos do material desportivo, entre outros. Desenvolvi contacto direto com todas as turmas do colégio, desde a pré-escolar até ao 12.º ano, através das inúmeras aulas de substituição por nós, núcleo de estágio, lecionadas. Essas mesmas aulas de substituição demandaram extrema organização e emparelhamento entre os temas lecionados e avaliados, e o professor titular da turma em questão.

A nossa intervenção, nos diferentes âmbitos, foi diversas vezes elogiada por vários professores e elementos da direção pedagógica, o que traduz o nosso empenho e dedicação. Em todo este processo, o papel do OC foi fundamental, pois, era o professor Jacinto que nos delegava e conseqüentemente proporcionava toda a logística para a execução das diferentes atividades e funções, supervisionando sempre que possível a nossa prestação, emitindo *feedbacks* sempre que necessário, promovendo assim um melhor aproveitamento do rendimento por nós apresentado.

5.4. A Componente ético-profissional

Primeiramente, é importante realçar a forma de como as minhas experiências profissionais e pessoais influenciaram a minha jornada para almejar tornar-me professor de EF. Desde que me conheço, sou uma pessoa com aptidão física a florada e com isso, desde tenra idade estive ligado ao desporto e à atividade física. Sempre me caracterizei como uma criança muito ativa, com energia e vontade de colocar em prática as minhas competências físicas. Lembro-me de quando jovem, insistir com meu pai, tios e avós para fazerem corridas comigo, jogarem futebol contra mim, competirem na piscina, usando provas de apneia e novamente corridas. De forma impetuosa e insistente queria colocar a minha capacidade física contra adultos mais capazes que eu. Ficava extremamente chateado quando perdia, e sempre que isso acontecia, passava horas nos seguintes dias a treinar para os desafiar novamente quando me sentisse pronto. Literalmente não parava, era muito ativo, extremamente competitivo. Nunca fui criança de ficar quieto a ver televisão ou a jogar videojogos. Os meus jogos prediletos sempre foram aqueles que demandavam esforço físico. Toda essa vontade foi canalizada pelos meus pais, que desde cedo me proporcionaram realizar desporto, como ginástica, natação e futebol. No verão, durante anos a fio, inscreveram-me nas férias desportivas da Maia, onde eu passava semanas com contacto direto com o desporto, de manhã até à noite. Tudo isso, ao longo da minha formação como criança e jovem adulto, impactaram-me e influenciaram-me, para na vida adulta, querer trilhar o meu caminho, lado a lado com o desporto, nomeadamente, de mãos dadas com a EF.

Outro aspeto de significativa importância para a construção da identidade profissional como professor, reside nos princípios e valores fundamentais. Como EE e futuro professor de EF, realço a importância da inclusão, pois, defendo que o desporto é para todos e o professor de EF deve desempenhar um forte papel inclusivo, do respeito, que não pode faltar em qualquer área da vida humana, fomentando que o aluno “entenda que valores como o apoio, a honestidade e a partilha e respeito pelas opiniões dos outros são importantes não apenas no desporto, mas também nos relacionamentos mantidos nas outras áreas de vida” (Resende & Gomes, 2022, p. 90), da equidade, pois nem sempre a igualdade é justa no contexto escolar. Assim, nada mais justo que adaptar a regra à especificidade, da promoção da saúde e bem estar, desempenhado o papel de modelo a ser seguido, dando sempre o exemplo a quem convive comigo. Acredito vivamente que um dos muitos aspetos importantes para um ambiente inclusivo, concerne na “reformulação do currículo, da instrução e da avaliação centrados no

professor, que é inadequada” (Batista & Resende, 2023, p. 6). Investir na EF é sinónimo de investimento em formação de professores visando sempre a educação inclusiva.

Por fim, algo que em muito contribui para a construção da minha própria identidade profissional, consiste no meu impacto na comunidade. Sentir que posso influenciar positivamente na vida pelo menos dos meus alunos, que são crianças e jovens adultos, é algo gratificante para mim. Inspirar e capacitar estudantes na adoção de estilos de vida saudáveis, longe de vícios e atitudes prejudiciais, foi, é e será uma capacidade que me fascina e que sem sobra de dúvidas impacta a minha identidade profissional.

Durante o ano letivo, a capacidade de iniciativa e responsabilidade desempenhou um papel crucial nas funções por mim desempenhadas. Considero ter demonstrado iniciativa e procura por oportunidades de aprendizagem, participando em todas as atividades e funções possíveis. Demonstrei também proatividade na resolução de problemas, assumindo iniciativa ao antecipar e resolver problemas de forma proativa, tanto dentro como fora da aula. Não tive problemas em assumir responsabilidades adicionais além das minhas obrigações, como foram exemplo as inúmeras aulas de substituição lecionadas e participação nas várias atividades existentes. Cumpri também com mestria todos os prazos e compromissos que foram surgindo.

Tanto o trabalho individual quanto o trabalho em grupo desempenharam papéis importantes no contexto educacional que vivenciei, ambos ofereceram benefícios distintos para os alunos e para o meu desenvolvimento profissional, como professor. O trabalho individual permitiu-me ter consciência da importância da autonomia e responsabilidade, desenvolvi também uma compreensão mais detalhada e profunda das minhas próprias capacidades e habilidades. O trabalho desenvolvido em grupo promoveu o desenvolvimento da comunicação e colaboração, bem como, o enriquecimento da compreensão através da variedade de perspectivas, promovendo a tolerância e aprendizagem cooperativa e respeito pela diferença.

Contribuir para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos alunos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autônomos e solidários é uma missão fundamental para qualquer professor. Posto isso, o meu contributo alicerçou-se em alguns aspetos, nomeadamente, na promoção de valores fundamentais, como o respeito, empatia e ajuda, fomento de autonomia, diligenciando aos alunos a oportunidade de assumir responsabilidades, promoção de criatividade e pensamento crítico, para que os alunos questionassem, analisassem e refletissem sobre algumas questões, salvaguardando um ambiente seguro e propício, onde eles se sentissem à vontade para expor as suas ideias criativas. Modelar comportamentos desejáveis, como tenho vindo a fazer alusão, ser um exemplo de cidadania

responsável através da minha conduta foi um aspeto que eu sempre tive em atenção. Por último, proporcionar aprendizagem significativa através da lecionação das minhas aulas.

6. Desenvolvimento profissional

6.1. Dificuldades e necessidade de formação contínua: um imperativo da profissão

Ao refletir sobre as experiências vividas ao longo da PES, é imperativo reconhecer as dificuldades que se apresentaram ao longo do percurso. Ainda que considere ter sido bastante capaz de desempenhar eficazmente o papel que me foi exigido, é inegável que existiram áreas onde senti a necessidade de um contínuo aprimoramento. “A formação de professores deve privilegiar um ensino centrado no aluno fomentando uma educação inclusiva e uma aprendizagem colaborativa.” (Batista & Resende, 2023, p. 4), nesse sentido, o projeto realizado para a unidade curricular de Projetos de Intervenção I e II do 2.º ano, foi uma vertente orientadora, que me auxiliou para um ensino direcionado ao pensamento crítico, criativo e colaborativo, sentindo-me sempre bem orientado e capaz de solucionar problemas e criar ideias novas nesse quesito. No entanto, os desafios ao longo da PES não se resumiram apenas a isso.

Entre as dificuldades sentidas, destacou-se a complexidade inerente à relação com alunos de necessidades educativas especiais. Não que eu tenha sentido dificuldade em lidar com alunos com essas particularidades, contudo, ficou muitas vezes um sentimento de “será que estou a fazer o que realmente é indicado?” Acredito que o preparo para lidar com diversas realidades pedagógicas, como autismo, hiperatividade e outras especificidades, é fundamental. Posto isso, encaro a necessidade de uma formação específica nesse sentido como uma oportunidade valiosa para o aprimoramento das minhas competências pedagógicas e a promoção de um ambiente inclusivo.

Acredito firmemente que uma formação direcionada para a compreensão e manejo de situações envolvendo alunos com necessidades educativas especiais seria não apenas vantajosa, mas também essencial. Este tipo de conhecimento técnico capacitar-me-ia a adotar estratégias pedagógicas mais eficazes, personalizadas e adaptadas a diferentes estilos de aprendizagem. O entendimento aprofundado das características e necessidades específicas desses alunos contribuiria para a criação de um ambiente educacional mais acolhedor e acessível. Além disso, a formação nesse âmbito propiciaria o desenvolvimento de competências sociais e emocionais, necessárias para estabelecer conexões significativas com alunos que possuam desafios adicionais.

A gestão do espaço durante as minhas aulas caracterizou-se uma desafiante faceta ao longo deste ano. Reconheço que, por vezes, foi necessário recorrer à imaginação para otimizar o limitado espaço disponível. Em particular, com turmas numerosas, a tarefa de dispor apenas de metade ou mesmo um quarto do campo de aula torna-se um desafio considerável. Consciente das limitações físicas do espaço, implementei estratégias criativas para manter a dinâmica e a participação ativa dos alunos, sempre que necessário. Com isso, reconheço então, o carecimento de investimento em formações específicas relacionadas ao tema “rentabilização e gestão do espaço”. Sobretudo para me capacitar em momentos que for apanhado de surpresa e me deparar com mudanças de última hora.

7. Reflexões finais

Ao encerrar o ano letivo, na minha perspetiva como professor de EF, uma série de reflexões e considerações enriquecedoras emergem a partir das experiências que vivenciei.

No que diz respeito às atividades desenvolvidas, cada momento foi uma oportunidade de evolução e aprendizagem. A capacidade de gerir e participar eventos diversificados e desafiantes demonstrou versatilidade enquanto futuro professor, sendo capaz de adaptar-me às distintas dinâmicas proporcionadas por cada atividade e aprender com elas.

A relação construída com os alunos foi, sem dúvida, um dos pilares fundamentais deste ano letivo. A perceção do respeito e da confiança depositados em mim pelos estudantes foi gratificante, e a disposição deles para procurar orientação, tanto nas questões académicas quanto, por vezes, nas pessoais, revelou a importância do papel que desempenhei para além do ensino formal. Senti-me acarinhado por eles, independente da turma, interpretei uma admiração geral de todos pela minha pessoa, o que me orgulha profundamente. Independente da profissão exercida, sentir valorização pessoal é algo que se caracteriza como compensadora e, neste quesito, nada mais importante que as pessoas por quem fui responsável, verem-me como uma referência e um modelo a seguir, ao invés de simplesmente alguém a quem devem obediência pela patente mais alta dentro do contexto escolar. Tive sempre o objetivo pessoal de conquistar os meus alunos pelo respeito e capacidade de influenciar positivamente e nunca pela posição hierárquica que ocupava. Na vida quem tem capacidade de influenciar os outros, são génios, filantropos, não que me caracterize como tal, longe disso, mas como um pai influencia e orienta positivamente um filho, considero essencial, um professor orientar os seus

alunos, levando a cabo a frase “a escola é a tua segunda casa”, então os professores podem quase que assumir o papel de segundos pais.

Como EE, estive sempre a aprender. Inicialmente, tudo foi novo e diferente daquilo que estava habituado ou imaginava. Com o passar dos meses, tornou-se uma rotina e algo normal, no entanto, a aprendizagem foi uma constante, desde as pequenas coisas até aos aspetos mais importantes. Considero que a PES é muito mais que “aprender a dar aulas na prática”. Todos os contextos demandam aprendizagem, até aqueles que parecem insignificantes. Eu observei muito, foi o que mais fiz ao longo deste ano. Observei e refleti sobre as aulas dos outros professores de EF, as relações entre os alunos nos intervalos, o comportamento na cantina, a dinâmica da sala dos professores, como se comportavam e agiam consoante o contexto inserido. O clima nos corredores, dos funcionários do colégio, literalmente tudo. Sou uma pessoa observadora e acredito que a aprendizagem passa muito pela observação e consequente análise das diversas situações.

O compromisso com a aprendizagem dos alunos passou um pouco pela inovação das práticas pedagógicas e, nesse quesito, tentei utilizar aquilo que fomos aprendendo ao longo do primeiro ano de mestrado, proporcionando alguma novidade, sempre dentro do possível, nunca querendo passar por cima daquilo que está solidificado pelos profissionais mais experientes.

Referências

- Albuquerque, A., Resende, R., & Costa, M. (2013). A avaliação da Prática de Ensino Supervisionada no Instituto Superior da Maia. Nós fazemos assim. E vós? *Cadernos de Educação*, 46, 119-137. <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i46.4176>.
- Batista, P., & Resende, R. (2023). Formação de professores e educação física inclusiva em análise. *Journal of Sport Pedagogy and Research*, 9(3), 4-8. <https://doi.org/10.47863/WKKB3758>
- Bento, J. O. (1987). Planeamento e avaliação em educação física. Livros Horizonte.
- French, K., Rink, J., Rikard, L., Mays, A., Lynn, S., & Werner, P. (1991). The effects of practice progressions on learning two volleyball skills. *Journal of Teaching Physical Education*, 10(3), 261-274.
- Gonçalves, F., Lima, R., & Albuquerque, A. (2017). O perfil do professor de educação física e o perfil do treinador, segundo a perspetiva dos alunos do ensino básico e secundário. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 40, 83-90.
- Graça, A., & Pinto, D. (2006). O ensino do basquetebol: Aplicar o modelo de competência nos jogos de invasão criando um contexto desportivo autêntico. In G. Tani, J. O. Bento & R. S. Petersen (Eds.), *Pedagogia do desporto* (pp. 299-312). Guanabara Koogan.
- Lopes, J., & Silva, H. (2020). *O professor faz a diferença*. LIDEL, Ed.
- Orlich, D., Harder, R., Callahan, R., Trevisan, M., & Brown, A. (2010). *Teaching strategies: A guide to effective instruction*. Wadsworth Cengage Learning.
- Pereira, J. A., Mesquita, I., Araújo, R., & Rolim, R. (2013). Estudo comparativo entre o Modelo de Educação Desportiva e o Modelo de Instrução Direta no ensino de habilidades técnico-motoras do Atletismo nas aulas de Educação Física. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 13(2), 29-43.
- Resende, R., & Gomes, A. R. (2022). Desenvolvimento de competências de vida em jovens atletas: Uma oportunidade para o treinador intervir. In M. L. Ferreira & R. H. González (Eds.), *Actividad física para jóvenes durante la pandemia*. Editora BAGAI. <https://doi.org/10.37008/978-65-5368-127-9.25.10.22>

- Resende, R. (2021). Filosofia do treinador. Como a formulam e pensam levar à prática: Um estudo com treinadores jovens. *SportMagazine*, 1(0), 42-44.
- Rosado, A., & Mesquita, I. (2011). *Pedagogia do desporto*. Faculdade de Motricidade Humana.
- Silva, H., & Lopes, J. (2010). Qual a importância da avaliação formativa na aprendizagem e desempenho dos alunos e que técnicas de avaliação formativa podem ser usadas pelos professores? In H. Silva & J. Lopes. (Ed.), *Eu, professor, pergunto* (pp. 153-161). Pactor.
- Silva, R., Queirós, P., & Mesquita, I. (2017). Modelos de ensino do desporto: O olhar dos alunos. Estudo no âmbito do Estágio Profissional em Educação Física. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2017(S1A), 107–114.
- Subijana, C. L., Martin, L. J., Tejón, O., & Côté, J. (2021). Adolescent athletes' perceptions of both their coaches' leadership and their personal motivation. *Perceptual and Motor Skills*, 128(2), 813-830. <https://doi.org/10.1177/0031512520985760>
- Turner, A., & Martinek, T. (1999). An investigation into teaching games for understanding: Effects on skill; knowledge; and game play. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 70(3), 286-296.